

CM 20.12.50

M. NA WQ

CONVERSA DE PINTURA

1232

Rubem Braga

André Dunoyer de Segonzac escreve sobre o drama da pintura de hoje. Diz sobre o abstracionismo: «Essa arte abstrata, saída da obra de Cézanne, tornou-se sua antípoda, pois o Mestre de Aix repetiu a vida inteira: «O pintor deve consagrar-se inteiramente ao estudo da natureza». «Esta é a base de sua arte e de seu gênio».

Estuda o equívoco motivado por outra frase de Cézanne — «tratar a natureza pelo cilindro, pela esfera e pelo cone, tudo pôsto em perspectiva». Os jovens artistas impressionados por essa frase chegaram, rapidamente, a isolar os meios de expressão de que falava Cézanne, fazendo uma arte em que o elemento natureza e o elemento humano desapareceram completamente. Para Segonzac as forças geométricas são, entretanto, apenas um meio e não um fim; meio de estabelecer a arquitetura do quadro e procurar o equilíbrio dos volumes; e a pintura dos abstratos está para a pintura dos grandes mestres como os estudos de tática e estratégia sobre o mapa estão para a verdadeira arte militar.

Quanto à deformação, acha que todos os artistas deformam, inclusive Ingres. «Mas essa deformação não deve ser sistematicamente ampliada, deve permanecer no domínio do inconsciente».

X X X

Na última vez que estive em Paris vi uma exposição de desenhos e esculturas de Picasso. Sua escultura é interessante, e às vezes chega a possuir certa força; mais comumente, entretanto, não vai além de curiosa. Os desenhos são de valor desigual. Há muitos que são estudos para a escultura ou para quadros. Mas há alguns — e isto é o importante — que são, em dois palmos de papel, qualquer coisa de surpreendente, de emocionante e de intensamente belo. Tudo é discutível em Picasso, que continua o mais versátil dos pintores, fácil presa de todas as influências antigas, bárbaras e modernas — menos o seu gênio...

DN - 14.12.65